

SÉRIE ANTROPOLOGIA

451

Redes e interações:
A formação do Movimento Negro
e do Movimento Quilombola no Mato Grosso do Sul¹

Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos
Departamento de Antropologia - Universidade de Brasília²

Brasília, 2015

Universidade de Brasília
Departamento de Antropologia
Brasília
2015

¹ Este artigo é uma versão brevemente modificada da última seção do quinto capítulo de minha tese de doutorado (cf. Plínio dos Santos, 2010).

² Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília, onde realiza estágio Pós-Doutoral.

Série Antropologia é editada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, desde 1972. Visa à divulgação de textos de trabalho, artigos, ensaios e notas de pesquisas no campo da Antropologia Social. Divulgados na qualidade de textos de trabalho, a série incentiva e autoriza a sua republicação.

1. Antropologia 2. Série I. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Solicita-se permuta.

Série Antropologia Vol. 451, Brasília: DAN/UnB, 2015.



Universidade de Brasília

Reitor: Ivan Camargo

Diretor do Instituto de Ciências Sociais: Sadi Dal Rosso

Chefe do Departamento de Antropologia: Daniel Schroeter simião

Coordenadora da Pós-Graduação em Antropologia: Andréa de Souza Lobo

Coordenador da Graduação em Antropologia: Guilherme José da Silva e Sá

Conselho Editorial:

Wilson Trajano Filho

Carla Costa Teixeira

Juliana Braz Dias

Comissão Editorial:

Andréa de Souza Lobo

Soraya Resende Fleischer

Editores Impressa e Eletrônica:

Thaís Gonçalves Raggi

EDITORIAL

A Série Antropologia foi criada em 1972 pela área de Antropologia do então Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, passando, em 1986, a responsabilidade ao recente Departamento de Antropologia. A publicação de ensaios teóricos, artigos e notas de pesquisa na Série Antropologia tem se mantido crescente. A partir dos anos noventa, são cerca de vinte os números publicados anualmente.

A divulgação e a permuta junto a Bibliotecas Universitárias nacionais e estrangeiras e a pesquisadores garantem uma ampla circulação nacional e internacional. A Série Antropologia é enviada regularmente a mais de 50 Bibliotecas Universitárias brasileiras e a mais de 40 Bibliotecas Universitárias em distintos países como Estados Unidos, Argentina, México, Colômbia, Reino Unido, Canadá, Japão, Suécia, Chile, Alemanha, Espanha, Venezuela, Portugal, França, Costa Rica, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

A principal característica da Série Antropologia é a capacidade de divulgar com extrema agilidade a produção de pesquisa dos professores do departamento, incluindo ainda a produção de discentes, às quais cada vez mais se agrega a produção de professores visitantes nacionais e estrangeiros. A Série permite e incentiva a republicação dos seus artigos.

Em 2003, visando maior agilidade no seu acesso, face à procura crescente, o Departamento disponibiliza os números da Série em formato eletrônico no site www.unb.br/ics/dan.

Ao finalizar o ano de 2006, o Departamento decide pela formalização de seu Conselho Editorial, de uma Editoria Assistente e da Editoração eletrônica e impressa, objetivando garantir não somente a continuidade da qualidade da Série Antropologia como uma maior abertura para a inclusão da produção de pesquisadores de outras instituições nacionais e internacionais, e a ampliação e dinamização da permuta entre a Série e outros periódicos e bibliotecas.

Cada número da Série é dedicado a um só artigo ou ensaio.

Pelo Conselho Editorial:
Wilson Trajano Filho

Resumo:

O presente artigo tem como intuito apresentar a formação e estruturação do Movimento Negro e do Movimento Quilombola do Mato Grosso do Sul, por meio das memórias de suas principais lideranças. Além disso, procuro também demonstrar as interações desses Movimentos no que denomino de “Rede Organizacional dos Negros do Mato Grosso do Sul”, que integra todas as entidades de defesa dos direitos dos negros nesse Estado.

Palavras-chave: Movimento Negro, Movimento Quilombola, redes, memória.

Abstract:

This article has the intention to present the formation and structuring of the Black Movement and Quilombola Movement of Mato Grosso do Sul, through the memories of their main leaders. Also, I try to also demonstrate the interactions of these movements in what I call the "Organizational Network of Mato Grosso do Sul Negros", embracing all the blacks' rights defense organizations that State.

Key words: Black Movement, Quilombola Movement, networks, memory.

**Redes e interações:
A formação do Movimento Negro
e do Movimento Quilombola no Mato Grosso do Sul³**

Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos
Departamento de Antropologia - Universidade de Brasília⁴

No início – isto é, a todo momento, agora, não há
nem indivíduo nem sociedade – nem natureza nem
sociedade, diria B. Latour – mas a (inter)ação dos
homens concretos. (Caillé, 2002: 66)

Introdução

Em pleno período da ditadura militar teve início nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Maranhão, Alagoas, Pará, Pernambuco e Espírito Santo a formação das primeiras entidades do Movimento Negro no Brasil (Alberti & Pereira, 2007). No Mato Grosso do Sul, tal como ocorreu nesses outros Estados, a origem do Movimento Negro está atrelada a um grupo de pessoas, de distintas gerações, que, influenciado geralmente por familiares e amigos, constituiu, em diferentes momentos, uma consciência política de sua negritude. As articulações desse grupo, durante as décadas de 1970 e 1980, formaram a primeira entidade de discussão sobre o negro e suas relações sociais nesse Estado e, posteriormente, influenciaram a formação do Movimento Negro, assim como do Movimento Quilombola.

Com base na memória de várias lideranças desses movimentos, o presente artigo, tem como objetivo demonstrar como se deu a formação e a interação desses movimentos, bem como a constituição, do que denomino de “Rede Organizacional dos Negros do Mato Grosso do Sul”. Como salientou Halbwachs (1950), há sessenta e cinco anos, o único meio de salvar as memórias das pessoas é fixá-las por escrito, pois as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.

³ Este artigo é uma versão brevemente modificada da última seção do quinto capítulo de minha tese de doutorado (cf. Plínio dos Santos, 2010).

⁴ Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília, onde realiza estágio Pós-Doutoral.

A formação do Movimento Negro sul-mato-grossense

Em 1945, influenciado pela formação da União dos Homens de Cor/UHC⁵, em Porto Alegre/RS, José Pedro de Alcântara fundou e presidiu a Sociedade para o Progresso dos Homens de Cor em Belo Horizonte/MG. Além dessa instituição, foi presidente das Associações das Congadas de Minas Gerais. Segundo Dr. Aleixo Paraguassú Netto⁶ (filho de Seu José Pedro de Alcântara),

Meu pai José Pedro de Alcântara, que era mineiro, assim como eu, foi militar da Força Pública, o que é hoje a Polícia Militar. Por volta de 1945, eu lembro do meu pai fazendo certa militância no Movimento Negro. Ele foi presidente, em Belo Horizonte, da Sociedade para o Progresso dos Homens de Cor. Era uma cópia de uma instituição similar já existente em Porto Alegre e nos Estados Unidos naquela época. Então, ele foi presidente em Belo Horizonte também da União dos Congados. Congado é uma dança folclórica e religiosa ao mesmo tempo, e ele foi o presidente da federação nessa época.

Mais tarde, tendo como exemplo a militância do pai no Movimento Negro, Dr. Aleixo transmitiu aos seus filhos uma consciência política sobre a questão racial no Brasil. Quando seu filho, Paulo Roberto Paraguassú, foi se preparar, no final da década de 1970, no Rio de Janeiro para o vestibular, Dr. Aleixo o incentivou a participar do Instituto de Pesquisa e Ciência das Questões da Negritude.

Meu filho estava com 17 anos de idade, hoje ele tem 47, e eu mandei-o para o Rio de Janeiro, para preparar-se para o vestibular, pretendia fazer numa das universidades do Rio, e certa vez eu fui visitá-lo no Rio de Janeiro e ao caminhar com ele, eu sempre conversava com os meus filhos sobre a questão racial, instigando neles de alguma forma, a consciência política por essa questão racial, e eu, como ia dizendo, eu caminhava com ele ali pelo centro do Rio quando passei perto da praça da Cruz Vermelha e vi um placa, Instituto de Pesquisa e Ciência das Questões da Negritude, é uma entidade que não existe hoje, aí eu falei: Paulo olha ali, tem ali aquela entidade, vamos entrar. E entramos, e tinha um diretor que nos atendeu, de forma muito cortês, aí eu disse, depois de me identificar, que era de Mato Grosso, e como sempre procuro falar pros meus filhos sobre essa questão racial, precisam ter consciência disso e tal, e falei com o

⁵ Fundada em Porto Alegre, em janeiro de 1943, por João Cabral Alves, o qual era farmacêutico e articulista. A UHC contava, cinco anos após sua fundação, com uma rede que tinha representação em pelo menos dez Estados do país: Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná (Silva, 2003).

⁶ Juiz de Direito aposentado, foi delegado de polícia no Distrito Federal, secretário de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (1987 – 1991) e, posteriormente, foi secretário de Estado de Segurança Pública nesse Estado. É uma das mais importantes lideranças do Movimento Negro do estado de Mato Grosso do Sul.

diretor que esse é meu filho, ele mora aqui no Rio e está se preparando para o vestibular, e eu queria ver se era possível vocês permitirem que ele frequente aqui, o que foi prontamente atendido pelo diretor do Instituto. Acredito que, no que diz respeito ao meu filho, eu penso que este fato, tenha motivado ele a militar e que também tenha contribuído com esse grau de consciência política sobre a questão racial. Acabou meu filho fazendo o vestibular e passando para o curso de Direito aqui no Mato Grosso do Sul, na época era Mato Grosso.

No início de 1980, começaram os primeiros passos para a formação do Grupo de Trabalho e Estudos Zumbi – TEZ, primeira entidade formal do Movimento Negro do estado de Mato Grosso do Sul. Essa origem está ligada ao curso de graduação em Direito da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, pois boa parte dos integrantes fazia esse curso. Nessa época, quando Paulo Roberto Paraguassú⁷ começou sua graduação em Direito, conheceu os seguintes alunos: Jaceguara Dantas da Silva Passos⁸, Jorge Manhães⁹, Pedro, Dorothy Rocha, Carlos Porto e Eurídio Ben-Hur Ferreira¹⁰, os quais eram também negros e tinham uma necessidade em comum, que era de conhecer e estudar a questão racial no Brasil.

Nesse início o Movimento Negro teve sua base estrutural localizada no meio urbano. Não havia diálogo com os negros em situação de vida rural. Dessa forma, as questões dialogadas entre os membros do Movimento Negro tinham um cunho estritamente pautado nos problemas do negro urbano, ou seja, de acordo com seus interesses. Para Radcliffe-Brown (1973) a existência da sociedade está baseada na similaridade do interesse - enquanto conduta proposital, de seus membros, o que provoca o surgimento de uma complexa rede de relações sociais.

Como consequência do “interesse”, daquele grupo de estudantes, foi fundado em Campo Grande, no dia 18 de março de 1985, o grupo TEZ. Segundo Dr. José Roberto Camargo de Souza¹¹, ou Zezão como gosta de ser denominado,

⁷ Um dos fundadores do TEZ, é advogado e empresário em Campo Grande.

⁸ Uma das fundadoras do TEZ, é Promotora de Justiça em Campo Grande e Professora de Direitos Humanos do Curso de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁹ Um dos fundadores do TEZ, foi professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, onde atuou nas pró-reitorias de Ensino de Graduação e de Planejamento. Aposentado pela UFMS trabalhava nas Faculdades Anhanguera de Dourados. Faleceu no ano de 2009.

¹⁰ Um dos fundadores do TEZ, foi vereador em Campo Grande/MS de 1993 a 1994; deputado estadual no período de 1995 a 1999; e deputado federal de 1999 a 2003. Todos os mandatos foram pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Durante os anos 2000 a 2002, foi Secretário de Educação do estado de Mato Grosso do Sul.

¹¹ É advogado e ex-integrante do TEZ. Foi representante do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, vinculado à Secretaria Nacional dos Direitos Humanos da Presidência da República.

O grupo TEZ teve início na Universidade [Dom Bosco] e teve uma grande influência do Fernando Gabeira, porque na época ele esteve na Universidade Dom Bosco, acho que na Federal [Universidade] também, fazendo algumas palestras. Aí em uma palestra ele falou sobre negritude e tal, e aí que despertou no Ben-Hur, no Carlinhos [Carlos Porto¹²], no Jorge Manhães e no Paulinho Paraguassú, a necessidade de criar um grupo pra estudar a história do negro. E a ideia surgiu no apartamento do Jorge Manhães.

Sobre o início da formação do grupo TEZ, afirma também Dr. Aleixo que,

No âmbito do Mato Grosso do Sul, desconheço completamente qualquer iniciativa que antecede o TEZ, desconheço. Pode até ter havido esporadicamente um grupo, mas um grupo organizado formal, o TEZ é o primeiro. O TEZ tem sua origem em meia dúzia de pessoas, que foi: a Jaceguara, o Jorge Manhães, o Pedro, a Dorothy, o Paulo Paraguassú e o Ben-Hur. Esses seis jovens que fundaram o TEZ. As conversas iniciais, segundo fui informado, se deram na Universidade Católica Dom Bosco, a UCDB, onde meu filho era aluno. A Jaceguara, que hoje é Promotora de Justiça em Campo Grande, era presidente do diretório Acadêmico da Faculdade de Letras, e então ali eles começaram a discutir o assunto e dali nasceu a ideia do TEZ, que significa Grupo de Trabalho e Estudo Zumbi. (...). Era a única entidade referência, funcionava não só com a conscientização, mas era a tábua de salvação de todos aqueles que sofriam discriminação no Estado. Lembro-me de um fato que marcou o Estado e que teve boa repercussão, melhor seria que o fato não tivesse acontecido, né. Mas ele aconteceu e foi dado boa repercussão pela imprensa e o TEZ teve uma importância muito grande. Ali na Avenida Calógeras, quase defronte a sede dos Correios, tinha uma cantina que se chamava Cantina do Álvaro, e era um lugar tradicional ali, e tinha uma cozinheira, negra, e ela teve um desentendimento com o dono lá, coisa de patrão e empregado, e o patrão aos berros disse: ‘A culpada disso é a princesa Isabel, se não fosse a princesa Isabel você não estava aí, livre aí pra me afrontar’, foi uma coisa assim. E depois do ocorrido ela se lembrou do grupo TEZ e fez a denúncia e o TEZ teve uma atuação muito firme, em divulgar isso e chamar a imprensa. E a imprensa foi lá averiguar, e aí foi um repórter, trazendo um microfone escondido, foi entrevistar o dono da Cantina do Álvaro e o rapaz com a câmara ficou filmando do outro lado da rua, e ele perguntou se de fato tinha havido aquela briga, eu sei que ele confirmou tudo, disse inclusive os termos utilizados e aí eles divulgaram isso. Passou na televisão a imagem dele manifestando seu racismo explícito, sem ser aquele racismo a brasileira, né. Então, dali pra frente, o TEZ, em vários outros episódios teve essa

Atuou como Coordenador de Instrução Processual de regularização fundiária dos territórios quilombolas do Incra/MS. Conselheiro do Conselho Estadual de Direitos do Negro de MS.

¹² Um dos membros do TEZ, foi secretário de Cultura e presidente da fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul no governo de José Orcírio Miranda dos Santos (1999 a 2007). Foi também Secretário de Turismo do município de Corumbá no ano de 2005.

atuação, e eu posso dizer sem medo de errar, que foi essa atuação do TEZ que contribuiu firmemente para constituição do Movimento Negro aqui no Estado.

Para a professora Laura Márcia dos Santos¹³, que defendeu em 2005 sua dissertação de mestrado em Sociologia¹⁴, “*Relações raciais em Campo Grande/MS: os casos de discriminação racial registrados pelo Programa SOS Racismo*”, o grupo TEZ,

Se firmou pela postura filosófica anti-racista, atendendo a todos os cidadãos da sociedade sul-mato-grossense cujos direitos adquiridos na constituição venham a ser feridos ou ameaçados. O grupo direciona seus trabalhos para situações de negação do preconceito e da discriminação, acima de tudo, para a afirmação de qualidades de seus atores históricos, tentando mostrar que só através da organização social, das discussões, da leitura e da reivindicação supera-se uma realidade de desprestígio social (Santos, 2005: 36).

No início do grupo TEZ, as reuniões semanais, geralmente aos sábados, uniam seus militantes. Leituras de textos e discussões eram feitas para estimular o conhecimento e a consciência das questões atinentes à negritude. Nessa época, o Dr. José Roberto Camargo de Souza ingressou no TEZ. Segundo ele,

Eu nasci em Campinas, São Paulo, minha família é toda descendente de africanos. A minha noção de negritude foi desenvolvida já dentro da minha família. Meu pai, que foi ferroviário na década de 1950, era o único negro que trabalhava no escritório da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Meus pais sempre falavam pra gente sobre nossa negritude, e que tinham orgulho disso. A gente naquela época não tinha noção do Movimento Negro enquanto um movimento político, a gente só sabia que existia o Movimento. (...). Em 1973 eu fui convidado por um rapaz de Campinas para trabalhar na Cermats, que era uma empresa de energia do Mato Grosso, aí eu vim e comecei a morar aqui em Campo Grande. Aí em 1984 pra 1985 eu conheci um tal de Gugu, que falava do Movimento Negro, naquele tempo nós tínhamos muita influência do Movimento Negro americano, do Black Power, do Black Funk, a gente fazia reuniões mas não era uma coisa organizada, eram reuniões que juntava os negros, pra gente falar sobre negritude, falar dos problemas que a gente tava tendo. Depois a moçada se dispersou.

¹³ Descendente da ex-escrava Eva Maria de Jesus (tia Eva), moradora da Comunidade negra urbana quilombola Tia Eva (ou São Benedito), localizada na zona urbana da cidade de Campo Grande/MS (cf. Plínio dos Santos, 2010).

¹⁴ Dissertação orientada pelo professor Dr. José Carlos Gomes dos Anjos, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

Assim como Dr. Aleixo Paraguassú, Dr. José Roberto também foi influenciado pelo meio familiar. No seio da família ocorreram as primeiras discussões sobre a negritude, ou seja, sobre a exaltação dos valores culturais dos negros. Nesse caso, a família iniciou discursos positivos sobre o fato de ser negro, produzindo, além de orgulho e dignidade, reflexos positivos na autoestima de seus membros. Posteriormente, no meio social do jovem negro, outros elementos de valoração foram adicionados como a música e a dança¹⁵. Caso análogo ocorreu na comunidade negra rural quilombola Tapuio, localizada em Queimada Nova/PI, cujas lideranças, as irmãs Maria Rosalina dos Santos e Osvaldina Rosalina dos Santos, foram influenciadas pelos pais a participarem dos movimentos sociais (Plínio dos Santos, 2012). Com relação a sua entrada no Movimento Negro, Dr. José Roberto afirma que,

Em 1986, eu conheci o Paulinho Paraguassú que me chamou para participar do grupo TEZ, que está aí até hoje. Estava até o Mister Apa, o Aparício [Aparício Luiz Xavier de Oliveira], que era eletricitário junto comigo na Enersul¹⁶. Aí ele falou: Nós temos reuniões todos os sábados às 17:00 horas, lá no Sindicato dos Jornalistas aparece lá que nós vamos ter uma apresentação cultural e nós vamos passar um filme chamado Tenda dos Milagres¹⁷. Aí eu fui no grupo TEZ e vi o filme logo depois teve um debate muito bom. Na reunião tinha várias pessoas que já estavam no Movimento Negro, era o Ben-Hur, o Carlos Porto, o Jorge Manhães que foi um dos fundadores, o Pedro, o Antenor, o Paulinho Paraguassú, essa moçada toda. Aí eles falavam e eu não entendia nada que esses negões falavam. Porque a maioria deles estavam na Universidade, o Paulinho fazia Direito, o Ben-Hur estava fazendo Direito, a Jaceguara também, então tinha vários acadêmicos lá e eu só tinha o colegial e o curso de eletricitista, e eu não gostava de estudar. Falavam difícil e eu não entendia muito que eles estavam falando. Porque era a mesma coisa de você chegar num lugar, o cara tá falando de matemática e você não entende de matemática e ficar só ouvindo o cara falar. Falavam de Sociologia, aqueles temas sociológicos, mas o que esses caras tão falando! (...). Teve um dia que a Jaceguara falou que: ‘isso aqui acontece uma dicotomia’. Aí eu perguntei a ela o que era dicotomia e ela explicou. Aí eu depois comecei a estudar, eu queria aprender. Então, (...) apesar do começo difícil eu continuei no TEZ, porque eu queria aprender tudo. Aí nessa época chegou o Dr. Aleixo Paraguassú, ele tinha sido juiz e secretário de segurança. Todo sábado ele estava nas reuniões do TEZ, ele ajudou muito o TEZ financeiramente. Aí eu fui aprendendo com essa moçada, o TEZ foi a minha escola e a escola

¹⁵ Sobre a importância da música e da dança na identidade negra ver a Silva (2006).

¹⁶ Empresa de Energia Elétrica de Mato Grosso do Sul S. A.

¹⁷ O filme “Tenda dos Milagres”, centrado na obra homônima de Jorge Amado (1969), teve como personagem principal Pedro Archanjo, o qual era baseado na vida do pesquisador negro baiano Manoel Querino.

maior do Movimento Negro. Nesse tempo eu conheci a Dr^a Raimunda Luzia de Brito, que era professora da UCDB e também era do TEZ. Então, o Dr. Aleixo e a Dr^a Raimunda, eu falo que são dois ícones do Movimento Negro do Mato Grosso do Sul. O grupo TEZ para mim foi a mudança de pensamento, de procurar estudar e melhorar. Por causa do TEZ, por causa do exemplo da Dr^a Raimunda e por causa do exemplo do Dr. Aleixo é que eu voltei a estudar. Aí depois eu estudei e passei no vestibular para o curso de Direito e me formei.

Após a criação do TEZ vários estudantes e simpatizantes entraram para o grupo, com o passar dos anos o TEZ se tornou uma referência contra a discriminação racial na cidade de Campo Grande. Observa-se, pelas narrativas acima, que a origem do TEZ está diretamente ligada às relações de interesse de jovens acadêmicos, muitos ligados ao curso de Direito. Essas relações, que consistiam, num primeiro momento, em partilhar informações internamente entre um pequeno grupo, estruturaram o início do TEZ, que enquanto instituição começou a aglutinar os interesses e, posteriormente, iniciou a propagação dessas relações para um público externo. Assim, foi criado, por meio de relações de “interesse”, a primeira célula do Movimento Negro no estado de Mato Grosso do Sul.

No ano de 1987, foi fundado o Conselho Estadual dos Direitos do Negro de Mato Grosso do Sul – Cedine/MS¹⁸ com a finalidade de promover, no âmbito estadual e municipal, políticas que assegurassem aos negros condições de liberdade e de igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do Estado. Conforme Dr. José Roberto, *“O TEZ tinha muito contato com o pessoal do Conselho do Negro de São Paulo e uma das ideias do TEZ era criar um Conselho do Negro aqui [Mato Grosso do Sul]. O primeiro órgão que surgiu depois do TEZ foi o Conselho do Negro”*. De acordo com a professora Vânia Lúcia Baptista Duarte¹⁹, que entrou no Movimento Negro na década de 2000, atual vice-presidente da Associação dos Descendentes de Tia Eva e Secretária Executiva do grupo TEZ,

¹⁸ Lei nº 702, de 12 de março de 1987. Foram Presidentes do Cedine os seguintes membros: Paulo Roberto Paraguassú (1988 a 1989); Dr^a Raimunda Luzia de Brito (1992 a 1994); Aparício Luis Xavier de Oliveira (1990 a 1992); Dr. José Roberto Camargo de Souza (1994 a 1996); Adair da Mata (3 meses em 1997); Cid Pinto Barbosa (1999 a 2001); Dr. Aleixo Paraguassú (2001 a 2003); Naércio Ferreira (2003 a 2005); Maria Helena Bicudo (2005 a 2006); Antônio Borges dos Santos (2007 a 2008); Marlene de Aguiar Justino da Cruz (2008 a 2009); e novamente foi eleito Antônio Borges dos Santos (2010).

¹⁹ Professora Vânia é vice-coordenadora do Instituto Cultural Negra Eva, suplente no Conselho Municipal do Negro e está na assessoria do Deputado Amarildo Cruz. Vânia é bisneta de Dona Sebastiana Maria de Jesus, filha da ex-escrava Eva Maria de Jesus – tia Eva.

O Conselho funciona com representantes. É feita uma eleição para participar do conselho, então são 8 instituições não governamentais e 8 governamentais. Eu entendo que o Conselho não é um Movimento Negro, o Conselho é um órgão de colegiado instituído pelo governo estadual, tanto é que quem dá posse aos conselheiros é o governo. Então eu não posso falar que o Conselho é um Movimento Negro, o Movimento, por meio do TEZ foi que fez pressão para que aqui no Estado tivesse um Conselho. Agora o Fórum já tem essa representação e representa o Movimento Negro. Pelo menos acredito assim, eu vejo assim.

Em 1989, com a entrada de Antônio Borges dos Santos, o Borginho,²⁰ também descendente da ex-escrava Eva Maria de Jesus, no grupo TEZ, foi que de fato começou uma maior aproximação real com as comunidades negras rurais e urbanas. A respeito de sua participação no TEZ afirma que,

Na comunidade tia Eva [ou São Benedito] eu participava de algumas discussões, mas eram discussões sobre a melhoria da comunidade, não tinha isso de discutir sobre a questão do negro, como o TEZ fazia. Mas foi em 1989 que eu entrei no TEZ, foi na época da Nilda [Nilda da Silva Pereira] e da Dina [Dina Maria da Silva]. O TEZ se reunia na casa de algumas pessoas, nessa época tinha o Bem-Hur, o Carlos Porto. A gente na comunidade até tinha vontade de entrar no grupo antes, mas porque a gente não entrava no TEZ? Porque a gente tava aqui na comunidade e nós não entediávamos muito essa de Movimento Negro. As discussões que eles faziam a gente não entendia, eles eram muito elitizados. Então a gente que é mais humilde achava que as discussões deles não eram as mesmas nossas. Eles vinham muito pouco aqui na comunidade, e olha que na época era a única comunidade negra de Campo Grande.

Como apontado pelo Seu Antônio Borges e anteriormente pelo Dr. José Roberto, havia uma dificuldade do TEZ em fazer com que pessoas de fora das universidades participassem de suas reuniões. As pessoas envolvidas no TEZ eram urbanos, universitários e profissionais liberais que tinham um nível de discussão e um modo de falar diferente das pessoas que possuíam pouca instrução. Nesse sentido, afirma Dr. Aleixo Paraguassú que,

Havia uma espécie de resistência, porque as pessoas eram convidadas para ir ao TEZ, no sábado, e lá tinha questões teóricas e políticas do Movimento Negro e algumas pessoas, por serem humildes e por razões várias, achavam que aquilo era uma discussão pedante. Houve um erro de nossa parte, de todo nós do movimento, em saber conduzir essa questão.

²⁰ Bisneto de Sebastiana Maria de Jesus, filha de tia Eva.

(...). Eu penso que um dos erros do Movimento Negro daqui do Estado, como do Movimento Negro talvez até do Brasil, é a falta de capacidade de inserção na base social, porque a base social é onde está o nosso povo. Nosso povo está nas favelas, nos guetos, nas palafitas, está nas periferias, não só no sentido físico da palavra, periferia da cidade, mas no sentido mais geral político, do acesso aos bens da vida, então nós não podemos ficar encastelados na nossa entidade, discutindo estas questões, isso é legítimo e bom, mas temos que sair dessa redoma, temos que ir lá pra periferia, conversar com eles.

Mesmo com certo distanciamento, como afirmou Dr. Aleixo Paraguassú, o TEZ começou a realizar reuniões na comunidade negra Tia Eva. Várias atividades realizadas nessa comunidade tiveram o apoio do Movimento Negro como afirma Seu Otávio Gomes de Araújo (descendente de tia Eva). *“Nós tivemos muito o apoio do Dr. Aleixo Paraguaçu e dos filhos dele, o Paulo e o Marcos, eles deram muito apoio aqui, por causa do Movimento Negro, né”*.

Nesse momento, não havia o cruzamento de “interesse” entre as comunidades negras rurais e urbanas e o Movimento Negro. Sem “interesse” não houve, nesse momento, a possibilidade de “conexão” (Soares, 2002) dessas comunidades na rede do Movimento Negro. Como afirmado por Soares (2002), conexão é o grau de interação dos grupos ou pessoas envolvidas e a interação depende necessariamente de contextos sociais específicos. De acordo com Seu Antonio Borges dos Santos, nessa época, os jovens da comunidade não tinham interesse e nem entendiam as discussões do Movimento Negro. Aos poucos os jovens começaram a participar,

As meninas que entraram foi a Vânia e a Sandra, foi na década de 2000, tiveram outros poucos mais que saíram depois. Mas elas entraram no Movimento, e entraram forte. Elas são bem guerreiras. Elas brigam pelos direitos dos negros como também pelos direitos de nossa comunidade e das outras comunidades negras, né. Mais aos poucos outras pessoas da comunidade vêm participando, vem se interessando mais em trabalhar na luta.

No ano de 1993, sob influência do Cedine, a Prefeitura de Campo Grande, por meio da Lei n. 2.967, de 7/10/93, criou o Conselho Municipal dos Direitos do Negro - CMDN. Segundo a Assistente Social Sandra Martins dos Santos (descendente da escrava Eva Maria de Jesus), atual vice-presidente do CMDN,

A presidência do Conselho Municipal é exercida por um membro escolhido entre seus pares para mandato de um ano, com possibilidade de

recondução. É formado por sete membros titulares e três suplentes, sendo dois titulares e um suplente. Há representantes da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer; um membro titular e um suplente, representantes do Conselho Estadual dos Direitos do Negro; quatro membros titulares e um suplente, representantes da comunidade negra, indicados por grupos e/ou entidades representativas, nomeados pelo Prefeito. O Conselho Municipal opera como órgão colegiado de deliberação coletiva das ações em termos sócio-político-culturais, voltadas à defesa e interesse dos direitos do negro.

Nesse mesmo ano, foi realizado em Campo Grande o Fórum de Intercâmbio Econômico-Cultural África - Mato Grosso do Sul com representantes, adidos e secretários de Embaixadas de alguns países africanos e do Movimento Negro. Esse fórum foi idealizado pelo então na época, vice-presidente do Cedine, Sr. Aparício Luiz Xavier de Oliveira²¹. O Fórum de Intercâmbio, que era coordenado pelo Cedine, foi presidido pela Dr^a Raimunda Luzia de Brito, com apoio das Embaixadas dos Países Africanos, entidades do Movimento Negro, das Associações de Classe, Clubes de Serviço e órgãos governamentais municipais, estaduais e federais. De acordo com o Dr. José Roberto, ex-presidente do Cedine,

O Aparício me falou um dia: ‘vamos fazer um encontro de negros com os embaixadores africanos’. Ele era um cara que tinha muitas ideias, tipo o Borginho. Naquele tempo a Dr^a Raimunda era presidente do Cedine. Aí ela e o Aparício foram pra Brasília e junto à Fundação Palmares conseguiram uma reunião com os embaixadores. Aí o encontro teve o apoio do governo estadual, e vieram embaixadores da Nigéria, do Tongo, do Gabão, do Senegal e de Marrocos, vieram cinco embaixadores e mais representantes de todas as embaixadas. Aí nesse encontro o embaixador de Gana sugeriu que nós criássemos uma entidade para ter contato maior com os países africanos. Porque não criar um lugar chamado Casa da África? Aí acabou o evento e nós ficamos com aquela ideia, e no ano de 1994 nós criamos o Instituto Casa da Cultura Afro-Brasileira, o ICCAB, conhecido também como Casa da África.

²¹ Mais conhecido como Mister Apa, Aparício Luiz nasceu em 30 de março de 1959, na cidade de Corguinho/MS, cursou o nível médio trabalhando como eletricitário com Dr. José Roberto Camargo de Souza. Foi um dos pioneiros no Movimento Negro em Campo Grande, sendo que em 1989 tornou-se vice-presidente do grupo TEZ. Após o seu falecimento foi instituído o prêmio Mister Apa, criado pela vereadora Thais Helena (PT) por meio do decreto legislativo n° 954/06. O prêmio foi criado com o compromisso de promover a igualdade racial e a valorização do Movimento Negro no município de Campo Grande (Fonte: Entrevista com Dr. José Roberto em 20/01/2009).

O Instituto Casa da Cultura Afro-Brasileira – ICCAB²² foi fundado em 08 de Abril de 1994. Conforme o presidente do ICCAB, e atual presidente do Fórum das Entidades do Movimento Negro de Mato Grosso do Sul, Senhor Antônio Borges dos Santos, “o ICCAB tem como objetivo estudar e levantar a problemática dos afro-descendentes e dos excluídos no campo sócio-econômico e cultural. Além disso, promove o desenvolvimento educacional e cultural das comunidades negras”. O ICCAB também tem o compromisso de gerar intercâmbio com entidades governamentais, de direito privado nacionais e internacionais, principalmente com organizações africanas que trabalham com a diáspora e a defesa dos direitos humanos. O ICCAB coordenou entre os anos de 2000 e 2002 o Programa SOS Racismo - serviço gratuito de assistência jurídico-psicossocial às vítimas de crime de racismo e de distintas formas de discriminação. Foi nesse Programa que trabalhou a professora Laura Márcia dos Santos (irmã de Sandra Martins dos Santos, vice-presidente do CMDN) e com base nessa experiência elaborou sua dissertação de mestrado.

Um ano após a criação do ICCAB, foi fundado o Coletivo de Mulheres Negras de Mato Grosso do Sul - “Raimunda Luzia de Brito” (Conegras/MS), entidade dedicada a desenvolver atividades voltadas à mulher negra. De acordo com a Dr^a Raimunda Luzia de Brito (coordenadora da Coordenadoria de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial - CPPIR, Secretaria de Estado de Governo/MS) o Coletivo começou a ser pensado após ter participado de um evento em Santos/SP.

Eu fui a um encontro sobre mulher negra em Santos, então Alzira Rufino²³ me abriu a cabeça para a discussão específica sobre a mulher negra. Depois quando eu voltei do encontro eu fui lá no TEZ e pedi a palavra, comecei a falar e contei do encontro que eu tinha participado. Aí depois as meninas do TEZ começaram a querer criar uma entidade feminina, fizeram algumas reuniões, e me pediram para ir. Aí eu fui e disse que ia colaborar, mas que não ia participar ativamente do grupo. Porque eu acho que tem que dar chance pra os mais jovens. Depois de muitas reuniões resolveram criar o Coletivo de Mulheres Negras de Mato Grosso do Sul, aí saíram nas ruas e fizeram uma pesquisa com a seguinte questão: Quando se fala em mulher negra você pensa em quem? Aí as

²² Foram presidentes do ICCAB: Aparício Luiz Xavier de Oliveira (1994 a 1997); Arlindo Caldas (1997 a 2000); Terezinha Bazé de Lima (2000 a 2003); Dr. José Roberto Camargo de Souza (2003 a 2004); Ana José Alves Lopes (2004 a 2005); Alguimar Amâncio da Silva (2005 a 2006); Antônio Borges dos Santos (2007 a 2011). O Dr. Aleixo Paraguassú Netto e a Dr^a Raimunda Luzia de Brito são membros do conselho consultivo do ICCAB.

²³ Enfermeira e ativista do Movimento Negro. Fundou em 1986, o Coletivo de Mulheres Negras da Baixada Santista e em 1990, fundou a Casa de Cultura da Mulher Negra. (Fonte: <http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br>, acessado no dia 10/06/2010).

peessoas lembravam do meu nome. Perguntaram em Campo Grande, Aquidauana e em Corumbá, e eu ganhei, né. Aí o nome do coletivo ficou Coletivo de Mulheres Negras de Mato Grosso do Sul – Raimunda Luzia de Brito. Aí a Lucimar queria que eu ficasse como presidente de honra, seria só honorífico, aí eu falei que não, não quero, eu quero entrar com direito a voz e voto, associada como qualquer um outro. (...). Aí nos reunimos e fizemos o estatuto, a gente se reunia no sindicato acho que é o SINDPREV, do pessoal da previdência, a gente tinha um espaço bem pequeno lá. Muitos de nós também éramos do TEZ. Aí depois de muita discussão me colocaram como presidente do Coletivo.

No início da década de 1990, houve tentativas do Movimento Negro em se aproximar mais da comunidade negra rural Furnas do Dionísio. Atividades recreativas e culturais foram realizadas com o intuito de levar para essa comunidade discussões sobre o movimento. Porém, os poucos que se envolviam acabavam, com o tempo, abandonando as reuniões. Nessa época, em que o Movimento Negro estava ainda num processo de estruturação, não havia uma grande preocupação em levantar informações sobre as comunidades negras rurais no estado de Mato Grosso do Sul. Com a entrada do Seu Antônio Borges no Movimento, e com sua efetiva participação, aceleraram as articulações entre o Movimento Negro e as comunidades negras rurais e urbanas, como afirma o Dr. José Roberto,

O começo do trabalho com os quilombos foi lento, mas o grupo TEZ foi o primeiro grupo que chegou lá na Furnas do Dionísio [comunidade negra rural], o Aparício e o Borginho conheciam muita gente lá. O Borginho foi quem mais ajudou porque ele tem muitos primos lá, por parte da tia Eva. Ele também tem muitos primos na Chácara do Buriti [comunidade negra rural] e também lá na Boa Sorte [comunidade negra rural]. Aí nós fomos conhecendo essas comunidades e essas também indicavam outras, eles tem muitos parentes espalhados no Estado. Aí nós fomos lá na Boa Sorte, nós fomos porque teve uma feira no colégio Católico, eu cheguei lá e teve um padre que veio falar comigo. Ele perguntou se eu era do Movimento Negro, aí eu falei que era. Aí ele disse que tem uma comunidade negra rural que estava sendo massacrada por um advogado que tem aqui em Campo Grande. Aí eu disse, como? É um advogado que está tomando as terras desses negros. Aí o Conselho se reuniu, eu, o Cidi, o Aparício, Seu Ney, e decidimos ir lá nessa comunidade, era a comunidade negra Boa Sorte. O Carlos Porto já conhecia essa comunidade, né. Aí pegamos um carro e fomos lá nessa comunidade. Isso foi lá por volta de 1995. Lá é um lugar muito bonito. Aí realmente existia um advogado e outros mais que estavam engolindo as terras dos negros. Os negros não tinham documento das terras, e nós descobrimos que os documentos dos outros era tudo falso. Aí o que nós fizemos foi acionar a Fundação Palmares, mas antes nós procuramos ver

os direitos desse povo, né. Pois, existia o Artigo 68 da Constituição que mandava o Estado reconhecer as terras dos remanescentes de quilombo e depois titular. Agora para um estudo mais apurado sobre essa comunidade tinha que a Fundação Palmares realizar um trabalho lá. Aí foi que nós entramos em contato com a Palmares. Aí no ano de 1997 foi que a Palmares mandou duas antropólogas para realizar estudos lá e também na Furnas do Dionísio, que também tinha problema com terra.

Percebe-se, pela fala do Dr. José Roberto, que a inserção do Movimento Negro nas comunidades negras rurais se deu pela via do parentesco. A entrada do Movimento negro foi franqueada por meio das relações de parentesco de Seu Antônio Borges com pessoas das comunidades Furnas do Dionísio, Furnas da Boa Sorte e Chácara do Buriti.

No ano de 1997, pautada no Artigo nº 68 (do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988), a Fundação Cultural Palmares (FCP), após a persistência do Movimento Negro sul-mato-grossense, contratou as antropólogas Maria de Lourdes Bandeira e Triana de Veneza Sodré e Dantas, ambas da Universidade de Cuiabá/MT²⁴, para realizarem estudos antropológicos nas comunidades negras rurais Furnas do Dionísio e Furnas da Boa Sorte com vista à regularização fundiária de suas terras como de remanescentes de quilombo (Bandeira; Dantas, 1988a; 1988b). Esses estudos deram certa visibilidade às comunidades negras rurais/urbanas que começaram a ser pauta de discussão dentro do Movimento Negro²⁵. Ainda segundo Dr. José Roberto Camargo de Souza,

Depois de muito trabalho, a Palmares tituló a comunidade quilombola de Boa Sorte, isso foi em 2000. A área de Furnas do Dionísio também foi titulada nessa época. Aí eu comecei a estudar mais a legislação quilombola e os direitos dos negros e assessorar juridicamente o Coletivo de Mulheres Negras e o ICCAB. Nós ouvíamos falar que havia mais comunidades negras no Estado, além é claro da Tia Eva, Furnas do Dionísio e Furnas da Boa Sorte, mas a gente nunca tinha ido. Teve uma comunidade negra que eu fui pelo Conselho lá em Vista Alegre, fui eu, Adair, Aparício o poeta, isso foi em 1998. Depois disso, nós começamos a ficar mais atentos sobre os direitos das comunidades quilombolas. Depois ficamos trabalhando em São Benedito que é Tia Eva, em Furnas do Dionísio e em Furnas da Boa Sorte.

²⁴ Instituição privada de ensino superior.

²⁵ Após a assinatura do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 - que regulamenta o procedimento administrativo de regularização fundiária de terras quilombolas, os estudos realizados, pela FCP, nas comunidades negras rurais quilombolas Furnas do Dionísio e Furnas da Boa Sorte tiveram que ser adequados à essa nova legislação. Por isso, essas comunidades, primeiro solicitaram à FCP o certificado de reconhecimento de comunidades quilombolas, fato que ocorreu em 25/05/2005. Depois reivindicaram a regularização fundiária de suas terras ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

Assim como Furnas da Boa Sorte e Furnas do Dionísio, distintas comunidades negras rurais, como Devidério Felipe de Oliveira, Família Cardoso, Família Jarzem, Chácara do Buriti, dentre outras, também estavam passando por conflitos relacionados à terra.

O conflito, por consistir uma problemática comum das comunidades negras rurais de Mato Grosso do Sul, motivou a atuação do Movimento Negro. Antes, o Movimento Negro levava para as comunidades Tia Eva e Furnas do Dionísio uma agenda pronta, com questões distantes da realidade dos camponeses. Quando os discursos e os interesses entre eles começaram a coincidir, teve início um diálogo e uma real aproximação, porém afiançada pelas relações de parentesco. Dessa forma, as comunidades negras rurais começaram a se conectar à rede do Movimento Negro. Como observado por Mayer (1966) é o interesse que conecta as pessoas e/ou os grupos à certa rede. Nesse sentido, o “conjunto-de-ação” (Mayer, 1966), que é a terra, conecta interesses comuns, ou seja, as comunidades negras rurais interessadas em resolver o conflito pela terra e o Movimento Negro interessado em ajudar a resolver esse conflito. Desse modo, teve início a formação de um espaço relacional, articulado em rede, cujos atores (famílias, comunidades e Instituições) são motivados a se conectarem pelo interesse comum sob a influência do contexto social.

Após intensas discussões do Movimento Negro, representado pelo Cedine - cujo presidente era o Dr. Aleixo Paraguassú, com o governo do estado de Mato Grosso do Sul, foi criada, em 04 de março de 2002, a Coordenadoria de Políticas de Combate ao Racismo (criado pelo decreto estadual nº 10.681 de 04/03/2002). Atualmente, esse órgão é denominado de Coordenadoria de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial (criado pelo decreto estadual nº 11.581 de 14/04/2004), a qual é coordenada pela Dr^a Raimunda Luzia de Brito. Essa coordenadoria, vinculada ao gabinete do governador, tem como objetivos a implementação do programa de superação das desigualdades raciais e desenvolver uma política para promover a igualdade racial em todo o Estado (Santos, 2005).

Dentro e fora do Movimento Negro, a Dr^a Raimunda Luzia de Brito é um exemplo de vida para boa parte das mulheres negras e homens negros no estado de Mato Grosso do Sul. Na gênese de quase todas as instituições, abordadas neste artigo, há, direta ou indiretamente, uma grande influência dessa mulher negra. Por isso, não foi

por acaso que seu nome foi recomendado para representar uma Instituição que congrega as mulheres negras desse Estado. A visibilidade que hoje tem o Movimento Negro e o próprio Movimento Quilombola nesse Estado se deve, dentre outras pessoas, a atuação, mesmo nos bastidores, dessa mulher. Assim como outras mulheres negras, por exemplo, Margarida Alves, na Paraíba, e Maria Rosalina dos Santos, no Piauí (Plínio dos Santos, 2012), Dr^a Raimunda luta incansavelmente pelos direitos das populações excluídas socialmente, principalmente das comunidades negras rurais quilombolas do Mato Grosso do Sul. Em várias oportunidades Dr^a Raimunda articulou as interações do Movimento Negro com as comunidades negras rurais. Nesse sentido, destaco a influência e a importância da mulher na desconstrução da imagem negativa do negro.

No final de 2002, com a intenção de conectar todas as entidades do Movimento Negro de Mato Grosso do Sul, foi fundado, por meio de uma assembleia convocada pelo Dr. Aleixo Paraguassú²⁶, o Fórum das Entidades do Movimento Negro de Mato Grosso do Sul. De acordo com a professora Vânia Lúcia Baptista Duarte, ex-presidente do Fórum (gestão 2008 – 2010),

Bom, o Fórum foi criado salvo engano, acho que no final de 2002, teve como primeira coordenadora Ana Lúcia Sena, depois foi Rosana da comunidade negra São João Batista, depois a professora Raimunda que parece que ficou com dois mandatos e daí no final de 2007, houve a eleição a qual eu estou como coordenadora do Fórum. O papel do Fórum é agregar as instituições do Movimento Negro, realizar reuniões, é colher reivindicações, então, temos aí mais de 20 instituições do Movimento Negro, além das comunidades quilombolas. Então reúne todo esse grupo pra discutir toda a situação, pois, cada instituição pontua a sua questão, mas o Fórum trabalha de forma geral, como articular e unir esses grupos para que nós possamos de fato buscar uma política do grupo e não apenas para um seguimento do movimento ou pra uma instituição do Movimento Negro.

No presente, segundo o ex-presidente do Fórum, Antônio Borges dos Santos (gestão 2010 – 2012), o Fórum é formado por 26 entidades não governamentais, que incluem as associações das comunidades negras rurais e urbanas quilombolas. Tem como objetivos apoiar as ações das entidades do Movimento Negro no Estado, organizar e propor aos municípios a criação de conselhos municipais. Dos 78

²⁶ Foi o idealizador e presidente do Instituto Luther King (gestão 2003 a 2007), entidade que dentre várias atividades prepara alunos de baixa renda para o ingresso nas universidades (pré-vestibular). (Fonte: Entrevista em com Dr. Aleixo Paraguassú - 17/01/2009).

municípios de Mato Grosso do Sul, em apenas quatro (Coxim, Bataguassu, Corumbá e Campo Grande) existem conselhos do negro.

Durante a assembleia que instituiu o Fórum acima mencionado, começou a nascer o embrião do que é hoje o Instituto Cultural Negra Eva. Um grupo de jovens da comunidade Tia Eva, que já participavam do Movimento Negro, viu a chance de construir um projeto que pudesse apoiar os negros a ter acesso ao ensino superior. Segundo a Assistente Social Sandra Martins dos Santos, uma das idealizadoras do projeto,

A ideia do projeto surgiu quando o Dr. Aleixo Paraguassú chamou uma assembleia do Movimento Negro para a constituição do Fórum das entidades do Movimento Negro de Mato Grosso do sul. Nessa assembleia a Ana Sena tinha acabado de chegar de um seminário em São Paulo, nesse seminário ela teve contato com um pessoal do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ [Universidade Estadual do Rio de Janeiro] que estavam divulgando um edital de seleção de projeto para política de cor na educação que era financiado pela Fundação Ford. Aí a Ana Sena divulgou na assembleia esse edital. Estava eu, a Vânia [Vânia Lúcia Baptista Duarte] e o Ataíde nessa assembleia. Eu já tinha começado a cursar uma faculdade, a Vânia estava tentando fazer, o Ataíde tinha trancado, mas a dificuldade nossa era a questão financeira, pois o que a gente ganhava não dava para pagar uma faculdade. Eu já havia prestado três vestibulares na Federal e não conseguia passar no curso que eu realmente gostaria de fazer, porque eu só podia estudar a noite e o curso que eu queria era durante o dia. Como eu tinha que trabalhar não dava para fazer. Aí eu, a Vânia e o Ataíde começamos a fazer um projeto para encaminhar para a UERJ para tentar voltar ou entrar na universidade. (...). Aí fomos conversar com o Zezão [Dr. José Roberto Camargo de Souza] que estava no ICCAB e ele se prontificou a nos ajudar, mas a gente falou que não queríamos que as pessoas fizessem o projeto, nós que queremos fazer, porque nós queremos ser o sujeito da nossa história, né. Desde o início era essa a nossa fala. Aí o Zezão nos orientou e depois nós começamos a nos reunir sozinhos para fazer o projeto. Aí nós começamos a andar na comunidade [Tia Eva] para ver os jovens que estão ou queriam entrar numa universidade, a ideia era chamá-los pra trabalhar com a gente. Aí marcamos uma reunião com os jovens e começamos a trabalhar no projeto. No começo tivemos muita dificuldade porque a gente não sabia fazer o projeto, aí num dia em que a gente estava reunido lá em casa que apareceu o professor Edson Silva da UFMS [Universidade Federal de Mato Grosso do Sul], ele ia muito lá em casa visitar a minha mãe e a nossa comunidade, aí ele nos orientou a fazer o projeto e nós escrevemos. (...). E quando deu 15 de janeiro de 2003 nós encaminhamos o projeto para o UERJ, cinco dias antes de terminar o prazo final. Aí o projeto de apoio a afro-descendentes para acesso e manutenção no ensino superior foi proposto pela Associação

Beneficente dos Descendentes de Tia Eva, em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e com a Secretaria de Educação do município, o Dr. Aleixo ajudou muito nessas parcerias, juntamente com o professor Edson Torres. O projeto contou também com o apoio do Movimento Negro, por meio do Fórum. (...). Aí o projeto foi aprovado em 2003 e eu, a Vânia e o Ataíde passamos no vestibular, outros também passaram e começamos a receber as bolsas para estudar, só que demorou muito para o dinheiro chegar. Mas mesmo assim o cursinho pré-vestibular que nós montamos, com o projeto, continuou.

Para viabilizar o Projeto Negra Eva, Sandra Martins e sua prima Vânia Lúcia Baptista Duarte, da comunidade negra urbana Tia Eva, acionaram a rede do Movimento Negro. Nesse processo, houve a articulação da comunidade negra Tia Eva, por meio de sua associação (Associação Beneficente dos Descendentes de Tia Eva) com o Fórum das entidades do Movimento Negro de Mato Grosso do Sul, ICCAB e UFMT. Desse modo, o tema educação, ou seja, o conjunto-de-ação (Mayer, 1966), uniu o Movimento Negro e a comunidade negra urbana Tia Eva. Como se observou anteriormente com os conflitos sobre terra, somente quando se obedecem as especificidades das comunidades negras rurais/urbanas é que há possibilidade de diálogo entre o Movimento Negro e essas comunidades. Sobre o Projeto Negra Eva, Sandra Martins dos Santos afirma ainda que,

Inicialmente o projeto Negra Eva foi pensado para beneficiar 14 alunos e no final ele beneficiou diretamente 27 alunos, já o cursinho beneficiou cerca de 350 alunos. (...). Aí o projeto era de dois anos, 2003 e 2004, com o fim do projeto nós conseguimos continuar as parcerias com as instituições de ensino superior, que davam descontos nas mensalidades dos alunos do projeto. Aí a nossa preocupação era dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo projeto Negra Eva, e começamos a pensar em criar um organismo que pudesse elaborar projetos e desse condições de beneficiar outros alunos. Então depois de muita discussão fundamos em 2006 o Instituto Cultural Negra Eva, o projeto se tornou um instituto. (...). Atualmente eu sou a presidente do Instituto e a Vânia é a vice-presidente. Eu estou também como vice-presidente do Conselho Municipal dos direitos dos negros e a Vânia é uma das conselheiras. A gente representa ainda a Associação Beneficente dos Descendentes de Tia Eva. A gente acabou por assumir várias representações em função de vários trabalhos, mas a nossa ideia no Instituto é formar novas lideranças para que eles venham fazer parte dessa caminhada, e ajudar a formular políticas públicas para a melhoria da população negra e não só da nossa comunidade. O nosso objetivo no Instituto Negra Eva é trabalhar para atender a população negra como um todo no município de Campo Grande.

A formação do Movimento Quilombola sul-mato-grossense

No final do ano de 2004, a Fundação Nacional de Saúde – Funasa realizou um levantamento, junto a Secretaria de Agricultura do Estado e aos membros do Movimento Negro, com o objetivo de identificar as comunidades negras rurais de Mato Grosso do Sul. Com relação a esse levantamento, afirma Dr. José Roberto Camargo de Souza que,

A Funasa, a Secretaria de Agricultura e o Movimento Negro foram em várias comunidades negras. Foram na Picadinha, em São Miguel, nos Pretos de Terenos, na Família Bispo, nessa comitiva da Funasa o Borginho [Antônio Borges dos Santos] era o representante da Secretaria. O levantamento da Funasa tinha como objetivo levar a assistência de saúde e montar o abastecimento de água para essas comunidades, era um projeto do governo federal. Aí foram mapear as comunidades negras. Aí a Funasa estava obedecendo as diretrizes do decreto 4.887. Depois de um tempo trabalhando com as comunidades quilombolas, aqui do Estado e em outros, me chamaram, o Dr. Aleixo, o Borginho e o Jhonny (Jhonny Martins de Jesus), para eu trabalhar na coordenação quilombola do Incra. O Movimento Negro me indicou então. Aí por meio do trabalho do Incra conhecemos várias comunidades negras. Isso foi em 2005. Aí eu fiquei na coordenação até janeiro de 2008.

No ano de 2004, como se pode depreender da fala do Dr. José Roberto Camargo de Souza, iniciou-se a sistematização da atuação política do Movimento Negro em prol das comunidades negras rurais/urbanas. Evidentemente, para que tal fato ocorresse houve a atuação de pessoas vindas dessas comunidades, as quais já integravam o Movimento Negro. Como foi o caso de Seu Antônio Borges dos Santos, da comunidade negra urbana Tia Eva, e de Seu Jhonny Martins de Jesus, da comunidade negra rural Furnas do Dionísio (Antônio Borges e Jhonny são primos, bem como são também primos de Sandra Martins dos Santos e Vânia Lúcia Baptista Duarte). Observa-se que essas duas comunidades, que no passado se uniram inicialmente por meio de intensas relações de solidariedade, e posteriormente pelas relações de casamento e de compadrio, se unem novamente, pelo viés predominantemente político. Esse viés político tem como meta a luta pelos direitos territoriais das comunidades negras rurais reconhecidas como comunidades quilombolas.

Sobre o início dos trabalhos realizados nas comunidades negras rurais, afirma Seu Antônio Borges dos Santos que,

No final de 2004, começamos a ir às comunidades negras. O Jhonny conhecia duas, a Furnas da Boa Sorte e a dele, que é a Furnas do Dionísio. Eu conhecia essas e outras, e o Zezão conhecia mais algumas. Aí nós entramos em contato com a assessoria do deputado Bispo, que conhecia alguns prefeitos, e fazíamos contato com as prefeituras para saber se existia no município alguma comunidade negra. Nós visitamos na época várias comunidades, São Miguel, Família Bispo, Dionísio, Chácara do Buriti, Pretos de Terenos, Santa Tereza dos Malaquias, Orolândia, os negros da Picadinha [Dezidério Felipe de Oliveira], Boa Sorte, os Cardoso, e os Quintino. Nos reunimos também na Tia Eva, aí depois nós íamos nas comunidades para explicar as leis, o artigo 68, o decreto 4.887 e o trabalho do Movimento Negro. A Funasa também nos acompanhou nessas viagens. Aí depois eu e o Zezão ajudamos as comunidades a formar suas associações, todas as comunidades foram organizadas. O Zezão pra mim é uma pessoa muito especial, porque muitas vezes a gente pegava as estradas com fome, sem recursos, mas a gente ia trabalhar nas comunidades. Aí depois nós ajudamos a criar a CONERQ [Coordenação Estadual das Comunidades Negras Rurais Quilombolas], juntamente com o Jhonny. Quando digo nós, eu estou colocando um monte de gente, porque isso tudo que ocorreu com as comunidades negras rurais foi fruto de um processo de um grupo de pessoas comprometidas e que participaram ativamente.

Na década de 1980, por meio dos descendentes de tia Eva, Seu Antonio Borges dos Santos e outros iniciaram uma relação dessa comunidade com o Movimento Negro. Posteriormente, por meio dos descendentes de tia Eva, outras comunidades negras rurais tomaram conhecimento sobre seus direitos constitucionais e acionaram a identidade quilombola. Essa identidade supõe o acionamento da memória antiga com a atualização dentro de um novo modelo, que é o modelo político. Nesse sentido, essa atualização da identidade quilombola está baseada em histórias e traços comuns que passam pelo parentesco efetivo.

Em 12 de janeiro de 2005, foi fundada a Coordenação Estadual das Comunidades Negras Rurais Quilombolas de Mato Grosso do Sul – CONERQ/MS. Essa coordenação congrega todas as comunidades negras rurais quilombolas desse Estado. Segundo Dr. José Roberto Camargo de Souza,

A CONERQ foi criada por um grupo de pessoas ligado às comunidades negras rurais, eram lideranças de 11 comunidades. O Jhonny, que era, na época, da Associação de Furnas do Dionísio, o Borginho, eu, e outros que não me lembro agora. Mas teve muito o apoio da Funasa, porque quando surgiu o trabalho com os quilombos com a Funasa, aventou-se a possibilidade de criar uma entidade que representasse as comunidades negras daqui. Aí formaram a CONERQ. Fizeram uma assembleia com as comunidades negras lá na Furnas do Dionísio e lá foi fundada a

CONERQ, eu fui como convidado, na época. A primeira eleição da CONERQ foi em fevereiro de 2007, lá na comunidade dos Negros da Picadinha, o Jhonny foi eleito presidente. (...). E agora são 16 comunidades que fazem parte e todas elas possuem associações quilombolas. (...) Aí depois a CONERQ foi convidada para integrar a CONAQ²⁷, que é a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Essa coordenação unifica todas as coordenações quilombolas do Estado.

Após a constituição da CONERQ, e com o apoio do Movimento Negro, principalmente na figura dos senhores Jhonny Martins de Jesus, Antônio Borges dos Santos e do Dr. José Roberto Camargo de Souza, dentre outros, iniciou-se a formação das associações quilombolas e, posteriormente, o processo de certificação²⁸ das comunidades negras rurais como comunidades remanescentes de quilombo. No período de 2005 a 2009 foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares 16 comunidades, vide tabela abaixo.

Comunidades certificadas (2005 a 2009)²⁹

Nº	Comunidade	Município	Data da publicação da certificação no D.O.U. ³⁰	Instituição Federal responsável pela regularização fundiária
01	Chácara do Buriti	Campo Grande	19/08/2005	Incra
02	Pretos de Terenos	Terenos	19/08/2005	Incra
03	Família Bispo	Sonora	19/08/2005	Incra
04	Família Cardoso	Nioaque	09/11/2005	Incra
05	Família Quintino	Pedro Gomes	19/08/2005	Incra
06	Furnas da Boa Sorte	Corguinho	25/05/2005	FCP/Incra
07	Furnas do Dionísio	Jaraguari	25/05/2005	FCP/Incra
08	Ourolândia	Rio Negro	24/03/2005	Incra
09	Dezidério Felipe de Oliveira	Dourados	19/04/2005	Incra
10	Santa Tereza	Figueirão	19/08/2005	Incra
11	São Miguel	Maracaju	19/04/2005	Incra
12	Famílias Araújo e Ribeiro	Nioaque	12/05/2006	Incra
13	São João Batista	Campo Grande	07/06/2006	Incra
14	Família Jarcem	Rio Brilhante	02/03/2007	Incra
15	Furnas dos Baianos	Aquidauana	07/02/2007	Incra
16	Eva Maria de Jesus /Tia Eva	Campo Grande	05/03/2008	Incra

²⁷ A CONAQ foi criada em maio de 1996, em Bom Jesus da Lapa/Bahia, durante reunião de avaliação do I Encontro Nacional de Quilombos. É uma organização de âmbito nacional que representa os quilombolas do Brasil. Dela participam representantes de comunidades de 22 (vinte e dois) Estados da federação. (Fonte: <http://www.conaq.org.br/>). Sobre a atuação da CONAQ ver o trabalho de Souza (2008).

²⁸ Certificação realizada pela FCP como estabelece o Decreto nº 4.887, de 20/11/2003.

²⁹ Atualmente existem 23 comunidades quilombolas certificadas pela FCP em Mato Grosso do Sul. Dados da CONERQ/MS.

³⁰ Diário Oficial da União.

Sobre a participação das comunidades negras rurais quilombolas na CONERQ, afirma Seu Ramão Castro de Oliveira (45 anos), o qual foi presidente da Associação Rural Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira (ou Negros da Picadinha) (gestão 2005 a 2007), que,

No começo a nossa luta foi muito grande, só era a gente da comunidade e alguns parentes nossos de fora pelejando para as coisas acontecerem, brigamos muito, e até hoje, com os invasores da terra de meu bisavô Dezidério. Depois, quando o Borginho e o Zezão, foram lá na Picadinha [zona rural do município de Dourados], as coisas começaram a ficar mais claras. A gente tinha direitos que não sabia, né. Depois a gente formou nossa associação quilombola e pedimos o certificado da Palmares. Mas até aí nós sabíamos que existia outras comunidades negras aqui no Estado, mas a gente não tinha muito contato com eles, só nas que a gente tinha algum parente, como as que estão em Maracaju, né. Aí veio a ideia de criar uma coordenação que unisse todas as comunidades quilombolas, o Borginho, o Zezão e o Jhonny conversaram muito com a gente e também com as outras comunidades e então concordamos, porque havia essa necessidade, né. A gente tinha que se organizar mais politicamente. Depois que nós criamos a CONERQ começamos a nos reunir com todas as comunidades quilombolas e a gente viu que os problemas de uma era também o problema da outra, a gente falava as mesmas coisas. Aí hoje, eu participo da CONERQ e como membro da diretoria da nossa associação eu sou membro do FÓRUM.

Percebe-se, pela fala de Seu Ramão, que o Movimento Negro (Borginho, Zezão e Jhonny), por meio das informações sobre os direitos quilombolas, acionou a rede de parentes no município de Maracaju. Como afirmou Acioli (2007) a ideia de rede está articulada com a ideia de informação. Esse encontro entre redes foi ocasionado pelas ações coletivas da rede do Movimento Negro. Por sua vez, essas ações surgem de redes que interagem e influenciam-se mutuamente. Por essas ações podem-se compreender os caminhos percorridos pela informação e interação dos vários espaços locais, regionais e nacionais (Acioli, 2007).

Com a formação das associações das comunidades negras rurais quilombolas e, posteriormente, com a criação da CONERQ³¹, houve a construção de uma rede interquilombos que estabeleceu, em algumas comunidades e reforçou em outras, laços de solidariedade e unificou, em nível estadual, a luta pelos direitos quilombolas. Como observa Souza (2008: 81), “*A rede e os laços que concebem os quilombolas enquanto*

³¹ Que deu início ao Movimento Quilombola em Mato Grosso do Sul.

povo e comunidade têm na dimensão político-organizativa uma força central, que dinamiza e oxigena essa luta como coletiva das comunidades pela garantia de seus direitos”. A luta pelo direito à terra é o conjunto-de-ação (Mayer, 1966) que unifica as comunidades negras rurais quilombolas, as quais produzem discursos homogêneos que dão a ideia de um grupo coeso unificado em torno de uma rede.

Várias das 23 comunidades negras rurais, que hoje se identificam como comunidades quilombolas, mantiveram no passado, final do século XIX e início do século XX, uma estrutura organizacional pautada em rede de parentes, compadres e afins com o objetivo de desenvolver o “Projeto camponês”³². Por isso, não causa estranheza que atualmente aquelas mesmas comunidades negras rurais estejam atualmente unidas com o mesmo objetivo inicial que as vincularam no passado. Destarte, essas redes, as quais denomino de redes-irmandades³³, foram as primeiras formas organizacionais instituídas pelos negros ex-escravos após o ano de 1888 no sul mato-grossense, e deram início e fortaleceram a atual rede interquilombos, que é uma rede estritamente política. Tal como pesquisei no estado do Piauí, houve um movimento de união política entre as comunidades negras rurais que originou a formação também de uma rede interquilombos. Essa rede, confeccionada pela liderança de Maria Rosalina dos Santos, teve início nas relações de parentesco entre a comunidade negra rural quilombola Tapuio com outras do município de Queimada Nova. No caso de Maria Rosalina, ela aciona uma rede de parentesco e a retrabalha numa nova perspectiva, a perspectiva político partidária. Em seguida, foram adicionadas, nessa rede, as comunidades negras rurais quilombolas desse Estado, porém por meio de relações políticas (Plínio dos Santos, 2012).

Acredito que as redes interquilombos, que tem como base o parentesco, podem ser encontradas em outras regiões do país, como é o caso das comunidades quilombolas localizadas no norte do estado de Minas Gerais, estudadas por Costa Filho (2008) e Costa (1999). Do mesmo modo identifico as comunidades quilombolas negras encontradas nos rios Trombetas e Erepecuru-Cuminá, pesquisadas por O’Dwyer (2002).

Nas duas redes interquilombos, formada tanto no Piauí como em Mato Grosso do Sul, encontram-se comunidades que possuem laços de parentesco entre si, sendo que alguns laços foram formados no passado e outros são mais recentes. Desse modo,

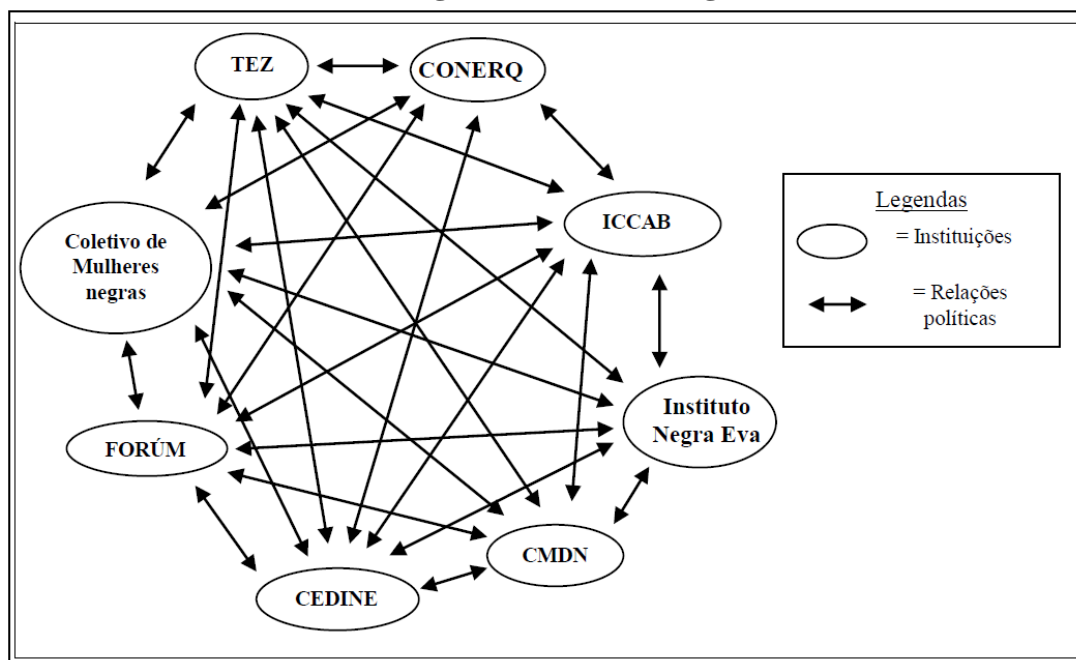
³² Ver Plínio dos Santos (2010).

³³ Ver Plínio dos Santos (2010).

observo que as relações de parentesco constituem um dos elementos de sustentação dessas duas redes. Como apontado por Fontes (2004), as estruturas das redes nas quais os atores (comunidades negras rurais quilombolas) se inserem sustentam as suas práticas políticas.

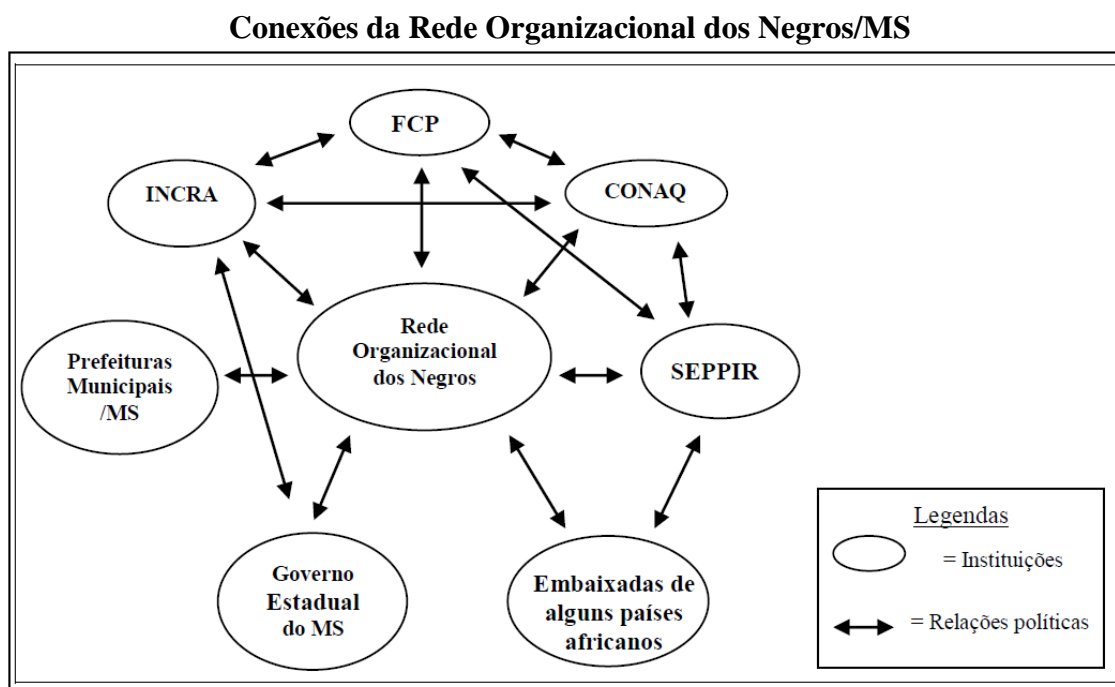
A rede interquilombos formada em Mato Grosso do Sul tem na base de sua estrutura relações de solidariedade, de parentesco e de compadrio constituídas inicialmente pelas redes-irmandades, as quais têm sua origem no cativoiro³⁴. Desse modo, a rede-irmandade é a gênese organizacional dos negros em Mato Grosso do Sul. Posteriormente, a partir da década de 1970, o Movimento Negro foi responsável por injetar um novo fôlego organizacional aos negros desse Estado, formando entidades políticas formais pela luta de seus direitos. E na década de 2000, o Movimento Negro começou de fato a atuar entre as comunidades negras rurais e urbanas quilombolas. Assim, temos atualmente no estado de Mato Grosso do Sul a constituição de uma grande “Rede Organizacional dos Negros” que integra, além de todas as entidades do Movimento Negro, as comunidades negras rurais quilombolas (Movimento Quilombola).

Rede Organizacional dos Negros/MS



³⁴ Ver Plínio dos Santos (2010).

Cada instituição, representada na figura acima, tem laços com outras instituições, cada uma, por sua vez, também tem laços com outras, formando a “Rede Organizacional dos Negros” no sul-mato-grossense. Essa Rede possui as seguintes conexões:



A Cedine interliga essa rede com o governo estadual e com algumas embaixadas de países africanos; o CMDN a interliga com o governo municipal; a CONERQ conecta com a CONAQ, a qual representa nacionalmente as comunidades negras rurais quilombolas, com a Fundação Cultural Palmares/FCP (órgão do Ministério da Cultura) e com o Incra (órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário). Já o Fórum interage com a CPPIR estadual (que trabalha com as prefeituras municipais) e com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/SEPPIR (Secretaria vinculada a Presidência da República).

Desse modo, a malha dessa rede interage a nível local, municipal, estadual, nacional e internacional com outras instituições e redes, fazendo com que se construam estratégias, projetos e visões sobre e para o negro. Na construção da rede, afirma Escobar (2006: 648) que,

Novos nódulos são acrescentados à sua malha através de estratégias de entrelaçamento que permitem a construção de agendas e frentes de luta coletivas que, subsequentemente, se tornam parte integrante das estratégias localizadas dos movimentos sociais específicos constituintes da malha.

Um caso semelhante às redes formadas pelos negros no Mato Grosso do Sul ocorreu na Colômbia, onde o movimento social das comunidades negras, localizadas na floresta tropical do Pacífico, lutou pela implantação de leis que assegurassem o direito a terra. Essas comunidades negras criaram uma rede de cerca de 120 organizações locais que interligava com vários atores, o Estado, ONGs colombianas e internacionais, universidades e outros movimentos sociais. A luta e o interesse dessas comunidades produziram um material que circulou por meio de sua rede conferindo a esse movimento social uma dimensão global. Esse movimento social criou uma rede própria, com bases geográficas nos rios e povoações da região do Pacífico e com uma série de nódulos regionais, nacionais e internacionais (Escobar, 2006).

Considerações finais

Para entender a rede-irmandade, a rede interquilombos e a Rede Organizacional dos Negros no estado de Mato Grosso do Sul, foi necessário apresentar cada uma dessas redes e posteriormente demonstrar as suas relações como um todo. Desse modo, as redes facilitam compreender os processos de mobilização dos negros nesse Estado, assim como suas articulações locais, regionais, nacionais e internacionais. Como observa Elias (1994: 35),

Na rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. (...) Mas, como modelo de reflexão sobre as redes humanas, é suficiente para dar uma idéia um pouco mais clara da maneira como uma rede de muitas unidades origina uma ordem que não pode ser estudada nas unidades individuais.

Nesse sentido, para apreender o Movimento Negro e o que está se denominando hoje de Movimento Quilombola no estado de Mato Grosso do Sul, foi importante pesquisar suas origens, como apregoa Elias (1994), *“Parece-nos evidente que a única maneira frutífera de compreender unidades compostas consiste em dissecá-las. Nosso*

raciocínio deve partir, segundo nos parece, das unidades menores que compõem as maiores através de suas inter-relações” (Elias, 1994: 23). Dessa forma, o estudo com as comunidades negras rurais quilombolas me levou a pesquisá-las individualmente para depois observar suas micros e macros inter-relações, analiticamente abordada aqui como redes. Essas redes, na medida em que eram tecidas iam revelando outras ramificações, assim como suas formas de interações e atuações.

Tais interações e atuações podem ser percebidas em vários eventos organizados atualmente pelas entidades do Movimento Negro e do Movimento Quilombola em Mato Grosso do Sul, assim como na defesa dos direitos dos negros nesse Estado. As atuações em prol desses direitos geram intensas interações e articulações no interior da Rede Organizacional dos Negros no sul-mato-grossense fortalecendo a força integradora dessa rede.

Bibliografia

ACIOLI, Sonia. 2007. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Inf.*, Londrina. V. 12, nº esp.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo (Orgs.). 2007. *Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas Editora.

AMADO, Jorge. 1969. *Tenda dos milagres*. São Paulo: Livraria Martins Editora S/A.

BANDEIRA, Maria de L.; DANTAS, Triana de V. S. 1998a. Relatório Antropológico de Furnas da Boa Sorte. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares – Projeto de Mapeamento e sistematização das áreas de comunidades remanescentes de quilombo.

_____. 1998b. Relatório Antropológico de Furnas do Dionísio. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares – Projeto de Mapeamento e sistematização das áreas de comunidades remanescentes de quilombo.

CAILLÉ, Alain. 2002. *Antropologia do Dom: O terceiro paradigma*. Petrópolis, RJ: Vozes.

COSTA, João Batista de A. 1999. *Do Tempo da Fatura dos Crioulos ao Tempo de Penúria dos Morenos: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos*. Dissertação de Mestrado em Antropologia defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

COSTA FILHO, Aderval. 2008. *Os Gurutubanos: Territorialização, produção e sociabilidade de um quilombo norte-mineiro*. Tese de doutorado em Antropologia defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

ELIAS, Nobert. 1994. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

ESCOBAR, Arturo. 2006. Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). 2006. *Conhecimento Prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora.

FONTES, Breno A. 2004. Capital social e terceiro setor: sobre a estruturação das redes sociais em associações voluntárias. In: MARTINS, Paulo H.; FONTES, Breno (Orgs.). *Rede sociais e saúde: novas possibilidades teóricas*. Recife: Ediotra Universitária da UFPE.

HALBWACHS, Maurice. 1950. *La mémoire collective*. Paris: Les Presses universitaires de France.

MAYER, Adrian C. 1966. The significance of quase-groups in the study of complex societies. In: BANTON, Michel. 1966. The social anthropology of complex societies. Routledge Library Editions. (Anthropology and ethnography).

O'DWYER, Eliane Cantarino. 2002. Os quilombos do Trombetas e do Erepecuru-Cuminá. In: O'DWYER, Eliane Cantarino. Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV.

PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. 2012. Negros do Tapuio: memórias de quilombolas do sertão piauiense. 1ª Ed. – Curitiba: Editora Appris.

_____. Fiéis descendentes: redes irmandades no pós-abolição entre as comunidades negras rurais sul-mato-grossenses. Tese de doutorado em Antropologia. PPGAS/DAN/UnB. 2010.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. [1952] 1973. Estrutura e função na sociedade primitiva. Coleção Antropologia 2. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.

SANTOS, Laura M. R. dos. 2005. Relações raciais em Campo Grande/MS: os casos de discriminação racial registrados pelo Programa SOS Racismo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Adailton. 2006. Relatos sobre o Jongo: Reflexões e episódios de um pesquisador negro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília.

SILVA, Joselina da. 2003. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Estudos afro-asiáticos [online]. vol. 25, n.2, pp. 215-235.

SOARES, Weber. 2002. Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. UFMG/Cedeplar.

SOUZA, Bárbara Oliveira. 2008. Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento quilombola brasileiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, da Universidade de Brasília.

SÉRIE ANTROPOLOGIA
Últimos títulos publicados

434. LOZANO, Claudia. Nuevos actores, viejos conflictos y lenguaje de los derechos: Los movimientos de mujeres por la justicia en la provincia Argentina de Catamarca (1990-1998). 2010
435. RIBEIRO, Gustavo Lins. Antropologia da Globalização. Circulação de Pessoas, Mercadorias e Informações. 2012
436. RAMOS, Alcida Rita. Duas conferências colombianas: passado, presente e futuro da antropologia. 2012
437. MELO, Rosa Virgínia. A União do Vegetal e o transe mediúnico no Brasil. 2012.
438. RAMOS, Alcida Rita. Ouro, Sangue e Lágrimas na Amazônia: Dos Conquistadores aos Yanomami. 2012
439. RAMOS, Alcida Rita. Mentos Indígenas e Ecúmeno Antropológico. 2013.
440. SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Cine-arma: a poiesis de filmar e pescar. 2013.
441. ALVAREZ, Silvia Monroy. Pacificação e violência. Possibilidades de comparação Colômbia e Brasil. 2014
442. RAMOS, Alcida Rita. Povos Indígenas e a Recusa da Mercadoria. 2014.
443. PANTOJA, Leila Saraiva. Nem vítima, nem algoz: mulheres de bicicleta em Brasília. 2014
444. RAMOS, Alcida Rita. Ensaio sobre o não entendimento interétnico. 2014.
445. CAYÓN DURÁN, Luis Abraham. Creciendo como un pensamiento jaguar. Reflexiones sobre el trabajo de campo y la etnografía compartida en la Amazonía colombiana. 2014.
446. CAYÓN DURÁN, Luis Abraham. Planos de vida e Manejo do mundo. Cosmopolítica indígena do desenvolvimento na Amazônia colombiana. 2014.
447. PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. Os “Negros da Picadinha”: Memórias de uma Comunidade Negra Rural. 2015.
448. PORTUGAL, Tarcila Martins. “Colecionando discos de vinil na era digital”. 2015
449. SILVA, Kelly & SOUZA, Lucio. Arte, agência e efeitos de poder em Timor-Leste: provocações. 2015.
550. SILVA, Kelly Fluxos de práticas de governo em escala global: sobre as tecnologias de desenvolvimento e alguns de seus efeitos. 2015.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Brasília

70910-900 – Brasília, DF

Fone: (61) 3107-1551

E-mail: dan@unb.br

A Série Antropologia encontra-se disponibilizada em arquivo pdf no link: www.dan.unb.br

Série Antropologia has been edited by the Department of Anthropology of the University of Brasilia since 1972. It seeks to disseminate working papers, articles, essays and research fieldnotes in the area of social anthropology. In disseminating works in progress, this Series encourages and authorizes their republication.

1. Anthropology 2. Series I. Department of Anthropology of the University of Brasilia

We encourage the exchange of this publication with those of other institutions.

Série Antropologia Vol. 451, Brasília: DAN/UnB, 2015.